

**A RELAÇÃO CAPOEIRA E RELIGIÃO – UMA REFLEXÃO SOBRE ANTIGOS E  
NOVOS TEMPOS DE UMA ARTE QUE É MARCIAL**  
THE RELATIONSHIP BETWEEN CAPOEIRA AND RELIGION - A REFLECTION ON  
OLD AND NEW TIMES OF AN ART THAT IS MARTIAL

Marco Antonio Fontes de Sá<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende discutir a relevância da religião na prática da Capoeira. Ele foi motivado pelo surgimento e crescimento da prática da Capoeira Gospel criada por membros de igrejas evangélicas pentecostais como alternativa para a suposta relação da Capoeira tradicional com as chamadas religiões de matriz africana que normalmente são associadas, por essas igrejas, a uma devoção ao diabo, demônio ou entidade parecida. São igrejas que parecem perceber e abraçar o potencial agregador da Capoeira, mas que não entendem ou aceitam sua origem supostamente religiosa e presente na sua africanidade. Sem a pretensão de chegar a conclusões definitivas, mas não se omitindo em expressar opiniões e ressaltando algumas ambiguidades, o texto irá tratar sobre as possíveis origens da Capoeira e sua evolução na realidade brasileira. Pontuar a relação de alguns praticantes com o Candomblé, especialmente na Bahia, e a ligação de seus cantos e pontos com práticas de organização do trabalho trazidas da África. Este artigo não se apoia exclusivamente numa pesquisa sistemática, até porque há pouco escrito sobre o tema. Ele traz uma síntese das origens do canto e das letras das músicas usadas tanto na Capoeira quanto no Jongo e nas Congadas e lembra que a divisão entre sagrado e profano nunca fez parte da cosmovisão africana. Todos os subtítulos são termos ligados à Capoeira.

**Palavras-chave:** Capoeira, religião, Candomblé, pentecostalismo.

**Abstract:** This article intends to discuss the relevance of religion in the practice of Capoeira. It was motivated by the emergence and growth of the practice of Capoeira Gospel created by members of evangelical Pentecostal churches as an alternative to the supposed relationship of traditional Capoeira with the so-called African-born religions that are usually associated by these churches with devotion to the devil, demon or similar entity. Churches that seem to perceive and embrace the aggregating potential of Capoeira, but who do not understand or accept their supposedly religious origin, present in their Africanness. Without intending to reach definitive conclusions, but not omitting to express opinions and highlighting some ambiguities, this text will talk about the possible origins of Capoeira and its evolution in the Brazilian reality. Ponder the relationship of some practitioners with Candomblé, especially in Bahia, and the connection of their songs and points with practices of work organization brought from Africa. This article does not rely exclusively on systematic research, because it is written on the subject. It gives a synthesis of the origins of song and song lyrics used in both Capoeira and Jongo and in the Congadas and recalls that the division between sacred and profane was never part of the African worldview. All captions are terms related to Capoeira.

**Keywords:** Capoeira, religion, Candomblé, pentecostalismo.

---

<sup>1</sup>Mestre e doutorando em Ciência da Religião pela PUC/SP, capoeira, fotógrafo e pesquisador da cultura popular.

### 1) Introdução – Cantando a ladainha

Pesquisar sobre a Capoeira<sup>2</sup> assim como sobre qualquer outra cultura ou atividade originada entre os africanos que vieram escravizados para o Brasil, esbarra na dificuldade da falta de fontes históricas, uma vez que a maior parte da documentação sobre a escravidão foi queimada pelo então ministro Rui Barbosa, como uma forma de apagar a memória de um período considerado por ele vergonhoso.

Um trabalho de peso (são efetivamente 607 páginas) sobre o tema é *A Capoeira Escrava*, baseado na pesquisa que o autor, Carlos Eugenio Libano SOARES realizou principalmente a partir de boletins de ocorrência sobre brigas de capoeiristas, registrados nas delegacias do Rio de Janeiro, entre os anos de 1808 e 1850.

SOARES apresenta versões diferentes e divergentes para a origem da Capoeira. Uma delas mais difundida e repetida até entre os capoeiristas, é de que a origem do nome e da atividade se refere à mata rala para onde os escravizados se dirigiam para a prática do que viria a ser uma forma de luta. A outra, menos conhecida, é de que a Capoeira tem sua origem no ambiente urbano do Rio de Janeiro como uma forma de luta. Citando Mary Karasch, SOARES explica que a Capoeira era uma forma de defesa desenvolvida por escravos de ganho urbanos e que o nome está associado a uma cesta que eles levavam na cabeça transportando mercadorias. Golpes com os pés e com a cabeça eram as formas de se defender contra tentativas de roubos destas cestas, golpes que foram depois estilizados numa forma de dança (SOARES, 2004, p.55).

Ainda tratando da origem da Capoeira, embora alguns textos suponham a influência dos povos nativos do Brasil em sua configuração, a conclusão da maioria é que sua origem se dá e se fortalece entre os escravizados, no Brasil. “Em conclusão, podemos afirmar que, por toda a metade do século XIX, a capoeira foi uma instituição cultural criada e mantida por escravos” (SOARES, 2004, p.142).

SOARES menciona uma pesquisa do norte-americano John K. Thornton, que fala de uma dança de guerra dos povos do reino do Congo, descrita pelo monge capuchinho Cavazzi, em que os guerreiros aprendiam a se esquivar de flechas e lanças, e vê nessa prática um possível ancestral da Capoeira (SOARES, 2004, p.143).

Há, portanto, um enorme consenso de que a Capoeira tem sua origem e desenvoltura entre os escravizados trazidos para o Brasil, a partir de conhecimentos e práticas que eles já possuíam na África.

---

<sup>2</sup> A grafia com letra maiúscula é adotada para diferenciar do nome dado ao mato ralo e, sobretudo, em respeito e consideração aos mestres que a praticaram, defenderam e difundiram.

Não há, todavia, muitas referências que relacionem a Capoeira, em suas origens, com qualquer religião. E, de fato não poderia haver, mas falaremos disso adiante.

## 2) **Entrando na roda**

Os estudos sobre a cultura dos afrodescendentes no Brasil só começaram em 1930, com o médico Nina Rodrigues. Esses estudos estavam centrados em Salvador, Bahia, a partir de um olhar direcionado para a cultura Yorubá que desprezou a presença de tradições Bantu que ainda permeavam sutilmente na vida da capital baiana. Rodrigues percebeu toda a vida dos afrodescendentes a partir da cosmologia e do saber Yorubá e foi seguido por Arthur Ramos nessa percepção.

Mais ou menos nessa mesma época e não necessariamente por coincidência, a Bahia e particularmente Salvador, se tornam fonte de inspiração para diversas formas de arte chamadas eruditas, que influenciariam o modo de pensar dos grandes centros brasileiros: Caribé, na pintura, Jorge Amado na literatura, Pierre Verger na fotografia, Dorival e a família Caymmi na música. Segue-se a esses a Bossa Nova, que também vai buscar na Bahia uma fonte de inspiração, e o cinema novo com Glauber Rocha. A Bahia e a cosmologia Yorubá ou Nagô eram a referência assumida pela elite da cultura afrodescendente brasileira. Baden Powell<sup>3</sup> (1937-2000), violonista, afrodescendente, que nasceu e fez carreira no estado do Rio de Janeiro, compõe no violão uma música chamada Berimbau, que começa imitando os acordes daquele instrumento.

É nesse cenário que a Capoeira ganha projeção e destaque, na medida em que alguns desses nomes famosos passam a frequentar os terreiros e as rodas de alguns mestres. (ABREU, 2003, p. 43)

A Capoeira é apresentada ao Brasil e ao mundo num cenário onde tudo é baiano e Yorubá. E ainda que haja hoje referências a uma Capoeira desenvolvida no Rio de Janeiro, como já vimos na pesquisa de SOARES, a Capoeira se torna baiana e Nagô, tenha ela surgido onde for.

## 3) **Dando a volta ao mundo**

Embora não haja exatidão nos números do tráfico negreiro, é certo que os primeiros escravizados a chegarem no Brasil vieram da região Congo/Angola. Esses homens e mulheres ficaram conhecidos como Bantus<sup>4</sup>. Eles também foram a maioria dos trazidos da África ao longo dos quase 350 anos de escravidão e compuseram a base de uma sociedade de escravizados e alforriados que permitiram que outras etnias, trazidas de outras regiões da

<sup>3</sup> cf. <https://www.youtube.com/watch?v=j1sok3vvsBE>

<sup>4</sup> Denominação criada em 1862 pelo filólogo alemão Wilhelm H. I. Bleck

África, se organizassem em Irmandades de Homens Negros cujas funções sociais principais eram alforriar vivos e enterrar mortos.

Retomamos o trabalho de SOARES para verificar como isso também se reproduzia nos grupos de Capoeira do século XIX.

Em 31 de maio de 1815, as patrulhas da Guarda Real prenderam um grupo de dez escravos. Era como se fosse um microcosmo da capoeiragem escrava dos primórdios do século; metade do grupo era da nação Congo, a etnia mais importante dentro da capoeiragem escrava da era joanina (SOARES, 2004, p. 89).

A grande maioria de africanos centro-orientais capturados como capoeiras na década de 30 é de bantos da África Central – 75% de nativos da África Centro-Occidental contra 21% da África Oriental e 2,7% da África Occidental-, o que repete o padrão étnico africano do Rio de Janeiro e da capoeira carioca do período joanino (SOARES, 2004, p.131).

A questão da proporção étnica na população negra e capoeirista no Brasil colônia é importante para analisarmos, adiante, a questão de religiosidade associada à Capoeira, pois as diversas etnias escravizadas tinham cosmovisões e cosmologias<sup>5</sup> diferentes, embora se apoiassem em princípios básicos semelhantes. Tudo isso implicava em uma ontologia africana muito particular e muito diferente daquela com que os colonizadores entendiam e percebiam o mundo.

KEIN e SILVA (2012, p.55), em seu trabalho *Capoeira e Educação Pós-Colonial* comentam essa ampla diversidade das cosmovisões africanas que são, entretanto, baseadas em referências comuns e trazem uma esclarecedora abordagem sobre esse tema da qual destacamos alguns trechos:

A cosmovisão se caracteriza também como algo que transcende o conhecimento estabelecido de forma sistemática como o conhecimento científico e mesmo filosófico. Isso porque ela se constitui como algo em permanente processo subjetivo de crenças e objetivo de certezas consolidadas na consanguidade, na ancestralidade e na construção permanente que se dá nas experiências acumuladas, frente aos desafios vencidos, superados e em evidência (KEIN, SILVA, 2012, p. 48).

A cosmovisão também tem importante apoio na conceituação e determinação do que é sagrado, considerando que sagrado não implica em aspectos religiosos, ao se considerar que o sagrado é a essência da existência existente em cada pessoa e em cada componente ambiental e cósmico, sendo algo que transcende o conceito de divino [...] A cosmovisão é, dessa forma, um componente da construção humana que se referencia na ancestralidade, na historicidade e na crença da vida ser processo evolutivo eterno e infinito (KEIN, SILVA, 2012, p. 49).

---

<sup>5</sup> Os Yorubás cultuavam Orixás, os Gêges, Vodoons e os Bantus a ancestralidade e os N'kisis (Inquisis)

Sem entrar no mérito da familiaridade desses autores com conceitos atuais sobre o que é religião e sagrado, consideramos importante ressaltar, de modo especial na segunda citação, é que aquilo que costumamos chamar de sagrado é o que em geral se estabelece a partir de um saber institucionalizado por uma Igreja, e que se configura em uma religião. Para os povos africanos em geral, esse “sagrado” brota intuitivamente de sua relação com o cosmo e com a natureza e é partilhado comunitariamente. Daqui se conclui que não se pode tratar a espiritualidade, cosmologia, cosmovisão africanas ou qualquer que seja a forma como esses povos se relacionam com o que chamamos de transcendente, sob o mesmo paradigma com que definimos o que é religião, e que se baseia em conceitos eurocêntricos e, sobretudo, numa formulação que tem como referência o catolicismo romano.

Os povos africanos escravizados lidavam frequente e continuamente com o sobrenatural, de forma que tudo o que faziam, do amanhecer ao anoitecer, tinha uma relação com a natureza, que era a materialização das forças que compõem sua cosmologia, e com a ancestralidade, que intermediava a relação com essas forças.

Em outras palavras, durante todo o seu dia os povos africanos escravizados realizavam atos que, na definição dos colonizadores, seriam considerados religiosos. Não há porque imaginar que essa atitude não estaria presente também na prática da Capoeira. Para completar, levando em conta a variedade de cosmovisões africanas trazidas com os escravizados, se pretendemos discutir a relação da Capoeira com uma religião precisamos nos certificar de qual religião estamos falando. E aqui entramos na roda da Capoeira Gospel.

#### **4) De volta ao pé do berimbau**

A maioria das religiões protestantes e, de modo particular, as pentecostais, rejeita qualquer relação com os que já morreram. Daí deriva a objeção à veneração aos santos católicos, que passa a ser considerada também idolatria por admitir a utilização de imagens, e também a qualquer relação com a ancestralidade africana.

A Igreja Católica encontra apoio bíblico para rezar pelos mortos porque em seu cânone estão os livros dos Macabeus<sup>6</sup>, escritos em grego por uma comunidade judaica que migrou para Alexandria cerca de 500 anos antes de Cristo, mas que não foram considerados sagrados pelos judeus e pela Reforma Protestante. Assim, falar com os mortos é inconcebível na teologia protestante e esse é, portanto, um dos embates com as culturas africanas que se relacionam com a ancestralidade.

---

<sup>6</sup> 2Mc 12, 41-46 – Confirma a validade da oração pelos mortos.

Um segundo ponto é a possessão, que só aparece na Bíblia como associada a entidades malignas. Alguns exegetas<sup>7</sup> católicos argumentam que essa era uma forma de explicar o que não poderia ser explicado na época em que os textos bíblicos foram escritos. Assim, no tempo de Jesus, um ataque epilético<sup>8</sup> era entendido como uma possessão demoníaca. Todavia essa não é uma interpretação aceita nem mesmo em todo o ambiente católico romano, havendo quem insista na veracidade das possessões e na existência do diabo. De qualquer modo, não há possessões benéficas. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, ninguém foi possuído por um anjo.

É possível e provável que o colonizador católico, ao encontrar na África povos em que a possessão por entidades ou espíritos fosse comum, explicasse o fenômeno pela visão teológica da época. Essa é também uma possível e provável razão para que as igrejas protestantes mais fundamentalistas e setores mais conservadores da Igreja Católica continuem considerando que as cerimônias de culto aos Orixás, Vodoons e N'kisis sejam, na verdade, práticas demoníacas.

O paradoxo é que nenhuma cultura africana conhece ou acredita em uma entidade como o diabo, demônio, ou algo semelhante.

Na perspectiva africana não existem os típicos dualismos de certo e errado, céu e inferno, original e mestiço, mas existe uma polifonia de possibilidades que se caracteriza pelo bem que promove para a coletividade na qual estão imersos e inseridos. (KEIN, SILVA, 2012, p. 55)

Os autores aqui certamente se referem à cosmovisão de parte dos povos africanos escravizados e não à totalidade desses povos, entre os quais havia cristãos e islâmicos. Todavia, os paralelos traçados entre entidades como Exu e o Diabo cristão foram resultados de interpretações originadas na tradição cristã europeia instalada no Brasil.

### 5) **Jogo de dentro, jogo de fora**

Capoeira pode ser uma luta, uma arte marcial, mas é também uma prática lúdica. Difícil alguém afirmar que luta Capoeira. Em geral se joga Capoeira. Diferente das outras artes marciais trazidas do Japão, China e Tailândia, e que são também repletas de fundamentos e princípios morais e éticos, a Capoeira tem instrumentos, música, canto e uma

<sup>7</sup> Luis Alonso Schökel e Ariel Álvarez Valdés, por exemplo.

<sup>8</sup> Edições da Bíblia Católica como a do Peregrino e de Jerusalém (Paulus) fazem uma explícita referência a isso em subtítulos e notas de rodapé relativas, por exemplo, a Lc 9, 37-43. Um estudo esclarecedor sobre as diferenças etimológicas originais das palavras demônio, diabo e satã está no primeiro capítulo de LINK, Luther, *O Diabo, a máscara sem rosto*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

interação entre seus praticantes, que não são tão comuns, ou que não existem, no Karatê, Kung Fu ou Muay Thai.

A Capoeira pode ser praticada e sobretudo vivenciada de várias formas. Há quem faça do jogo, do canto ou do toque de instrumentos, sua principal motivação para estar numa roda. Talvez seja por isso que a Capoeira seduz. Evangélicos que a consideram uma prática ligada a cultos maléficos e demoníacos dela se afastam<sup>9</sup>, ou não conseguem fugir à sua sedução, se apropriam do que interessa e, o que parece ser admissível, eliminam aquilo que incomoda. É nesse ritmo que surge a Capoeira Gospel.

Os praticantes dessa modalidade de Capoeira encontram justificativas para manter quase tudo que qualquer outra forma de Capoeira utiliza na organização de uma roda, buscando até citações bíblicas para o uso dos tambores<sup>10</sup>. Mas substituem os cantos, especialmente os que fazem menção às cosmovisões do Candomblé e nomes de santos católicos<sup>11</sup>, por outros com louvores a Jesus Cristo e com alusões a passagens bíblicas. Todos tocados no ritmo cadenciado do berimbau, pandeiros e atabaques.

Mas supor que o elemento religioso da Capoeira está apenas no canto é um engano. Ratificando: se tudo que o africano fazia no seu dia a dia estava impregnado da sua cosmovisão e tinha um caráter que o colonizador chamaria de religioso, o jogo da Capoeira também deve ter sido criado com a mesma atitude. A Capoeira não é uma prática religiosa, mais foi criada por pessoas para quem tudo na vida tinha uma profunda ligação com o sobrenatural e que, numa perspectiva euro centrada, seria chamado de sagrado.

O fato de na África Ocidental todos os atos do dia a dia regerem-se por vontade sobrenatural, o que subordinava os homens a constantes encantamentos e sortilégios, levou os africanos a desenvolverem um complexo ritual de vida que exigia, para praticamente cada ação desempenhada, uma invocação especial, através de cantos e danças (TINHORÃO, 2012, P. 123).

Desenvolvida num cenário frequentado por diferentes etnias africanas escravizadas, a presença de várias cosmologias e cosmovisões deve ter sido frequente, cada vez que se fazia uma roda. Todavia, os cantos ou pontos da Capoeira, por conta da presença majoritária de africanos das etnias Bantu, têm suas origens em cantos de trabalho dessas etnias.

---

<sup>9</sup> Ver também: BRITO, Diolino Pereira de, *A Capoeira de braços para o ar - Um estudo sobre a Capoeira Gospel em São Bernardo do Campo*, dissertação de mestrado em Ciência da Religião, Universidade Metodista, São Paulo, 2007.

<sup>10</sup> BRITO, Diolino Pereira de, *A Capoeira de braços para o ar - Um estudo sobre a Capoeira Gospel em São Bernardo do Campo*, dissertação de mestrado em Ciência da Religião, Universidade Metodista, São Paulo, 2007.

<sup>11</sup> A presença do catolicismo e do nome de santos católicos na Capoeira será abordada mais adiante.

Falar, cantar e escrever em códigos metafóricos foi uma alternativa de vários povos para driblar a opressão durante toda a história da humanidade. Os Bantus escravizados transformaram a alegria dos cantos, antes entoados na África, em formas de comunicação e desabafo.

#### 6) A Criptologia dos Bantus... O que você me ouve falar, não é o que eu digo

Quando os portugueses chegaram ao Congo, no século XV, se surpreenderam ao encontrar uma sociedade extremamente organizada formada por pequenos reinos e chefiados por um reino maior e que tinha até um sistema monetário baseado em conchas (SOUZA, 2006, p. 48). Povos que acreditavam que o seu dia a dia era comandado e ligado ao sobrenatural, e que essa ligação era intermediada pelos ancestrais já falecidos, que transitavam entre o mundo dos vivos e dos mortos, através de uma linha divisória chamada Kalunga<sup>12</sup>.

Essa similaridade entre o papel desses ancestrais e o dos santos católicos<sup>13</sup> nas duas culturas foi muito importante para que o Catolicismo fosse aceito na África, quando Diogo Cão lá desembarcou em 1485, conforme destaca James SWEET.

O culto dos santos constituiu uma outra porta de entrada dos africanos na fé católica. O Panteão das figuras religiosas católicas era, em muitos aspectos, semelhante ao panteão de espíritos ancestrais africanos. (SWEET, 2007, p. 240)

O canto, a música e a dança muitas vezes substituíam a linguagem falada e faziam parte dos rituais de se dirigir à ancestralidade para pedir o que precisavam e agradecer pelo que recebiam. Havia cantos para pedir chuva, para colheita e para a pesca além dos característicos das cerimônias religiosas e das festas de nascimento, puberdade, casamento, e morte de alguém. Também se cantava para marcar o ritmo do trabalho<sup>14</sup> na lavoura e na criação do gado. A vida africana era (e ainda é) vivida cantando e dançando.

Além dos cantos e danças próprios de cerimônias religiosas em si, havia os que marcavam momentos particulares da vida dos homens e mulheres (nascimento, puberdade, casamento, morte), da comunidade em geral (cataclismos, lutas de guerra, vitórias, caçadas, confraternizações) e, naturalmente, um repertório ainda maior de canções propiciatórias, entre as quais se contavam as canções de trabalho (TINHORAIO, 2012, p. 123)

<sup>12</sup> cf. [https://www.youtube.com/watch?v=0FY7Ld9c\\_mM&list=PLNM2T4DNzmq5jtQbw8sgGrx3NwjX\\_Xgw](https://www.youtube.com/watch?v=0FY7Ld9c_mM&list=PLNM2T4DNzmq5jtQbw8sgGrx3NwjX_Xgw)

<sup>13</sup> A profissão de fé católica que afirma a crença na comunhão dos santos está falando exatamente disso.

<sup>14</sup> cf. <https://www.youtube.com/watch?v=bFli27Eickk>



Nas guerras, quando eram feitos escravos por outros povos africanos, não deve ter sido difícil manter esse costume por estarem no mesmo ambiente cultural dos mesmos preceitos ancestrais. Mas o tráfico negreiro ia mudar tudo isso.

Ao caírem escravos em sua terra, como resultado das lutas comuns entre nações rivais, os africanos não precisavam alterar seu comportamento porque, integrados à vida de outra nação em sua nova qualidade de cativos (o regime era regulado por costumes ancestrais), permaneciam dentro de seu universo cultural comum, uma vez que os princípios religiosos (com exceção da área islâmica) eram os mesmos só divergindo nos ritos regionais (TINHORÃO, 2012, p. 124)

Separados de amigos e parentes e jogados sozinhos nas plantações de cana-de-açúcar e na garimpagem de ouro e diamantes, as razões para cantar como na África deixavam de existir. Não havia mais motivo para agradecer e talvez não adiantasse pedir. Todavia, cantar dava força, ajudava a enfrentar o sofrimento e, de alguma forma, mantinha a identidade e as lembranças. O canto dos homens e mulheres escravos passou então, além de cadenciar o trabalho, a ser uma forma de comunicação criptologada, que não usava apenas palavras das línguas africanas, mas também expressões em português com duplo sentido, que só era compreensível entre eles. Cantando eles se comunicavam entre si e com escravizados de outros engenhos, na colheita da cana em plantações vizinhas.

No século XIX, esse código metaforicamente cifrado ficou conhecido como *fundamento*. Os cantos criados a partir daí tornaram-se também pontos do Jongo, chegaram às procissões das Congadas e às rodas de Capoeira e foram chamados de *vissungos*. Trazendo alguns exemplos: numa roda de Capoeira o cantador avisa a um incauto, que a mulher com quem ele vai jogar é habilidosa e perigosa.

*Cuidado moço que essa fruta tem caroço!*

E num outro canto, ele brinca com quem acabou de tomar uma rasteira.

*O facão bateu embaixo...*

*A bananeira caiu!*

*Cai, cai bananeira ...*

Em um ponto de Jongo:

*Fui no mato buscar vaca*

*A vaca não tinha teta*

*Mesmo assim bebi 10 litros*

*Do leite da vaca preta*

A vaca representa a vida que segue a cada dia e a letra fala das adversidades e das lições que delas tiramos para seguir em frente. Nos cantos de hoje, nem tudo é tão cifrado. Novos mestres se tornaram compositores que cantam e contam a história da Capoeira e seus novos desafios no tempo e no espaço atual. Nem sempre há ligação com a chamada espiritualidade afrodescendente e nem sempre há a necessidade de disfarçar o significado.

Mestre João Grande, um dos mais conhecidos capoeiristas, ainda vivo, numa cantiga de roda, fala sem muito mistério da passagem de todos nós pela vida e do legado que deixamos.

*Eu sou a fruta madura  
Que cai do pé lentamente  
Na queda larga semente  
Que procura terra fresca  
Prá ser fruta novamente*

A Capoeira se expandiu e ganhou o mundo e hoje é praticada e ensinada a homens, mulheres e crianças a partir de 4 anos. Os novos mestres são também pedagogos e professores de Educação Física e compuseram novos cantos que discutem novas realidades e até ajudam na alfabetização<sup>15</sup>.

*Vem cá menino, vem aprender  
Vou lhe ensinar o gingado do ABC  
A de Angola  
B de Berimbau  
C de Capoeira que levanta o meu astral  
D de Dendê  
E é de Esquiva  
F Forma a roda  
é importante G de Ginga*

Se o canto, e particularmente a letra do canto na Capoeira, tem passado por mudanças elaboradas pelos próprios capoeiras, a adoção de um cantar cristianizado por evangélicos seria uma ruptura com a essência da Capoeira? Se a espiritualidade está frequentemente presente na

---

<sup>15</sup> Ver o trabalho de Mestre Suassuna: [https://www.youtube.com/watch?v=TDINDRiaW\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=TDINDRiaW_0)

Capoeira, mas não é obrigatória e nem exclusiva de uma etnia, será impossível a existência de versão Gospel, digna de ser chamada Capoeira? Em princípio a resposta para as duas perguntas parece ser NÃO, mas há outras considerações a serem feitas.

### 7) Considerações finais

Relembrando o que já foi tratado neste artigo: a Capoeira nasceu no Brasil como forma de resistência entre escravizados de diversas etnias, mas que tinham em comum a concepção de que a vida tem a constante presença do sobrenatural agindo em todos os momentos. Foi identificada com arruaceiros e briguentos que andavam com facas e navalhas, passou por muitos momentos de perseguição e foi até punida com chibatadas.

Resistiu nos guetos de uma sociedade escravocrata que a menosprezava e criminalizava. Foi redimida e aceita como esporte em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas, mas há quem diga que a verdadeira intenção era assumir o controle dessa atividade, inserindo-a num esquema de ensino padronizado, ligado à Educação Física (ESTEVES, 2004, p.58,60) tornando-a um esporte nacional, do qual mestre Bimba se tornou um polêmico expoente, na medida em que organizou métodos de ensino e graduações. A ditadura militar reforça o nacionalismo e a disciplina da Educação Física na Capoeira e aparecem as graduações que usam as cores da bandeira brasileira.

Abrimos aqui um parêntese para dizer que o grupo do qual o autor deste texto faz parte (Cativeiro) adotou as cores dos Orixás para os cordões de graduação, fazendo da cosmologia Yorubá uma referência africana da Capoeira do grupo. Todavia, em função de tudo o que aqui já foi exposto, consideramos que essa, embora seja uma opção legítima e fundamentada, é apenas uma opção. Se levarmos em conta que tivemos também escravos islamizados e que possivelmente praticavam a Capoeira, imaginamos que seria também admissível se um grupo de Capoeira adotasse, em sua graduação, organização e cantos, referências ao Alcorão.

Supomos ainda que a associação exclusiva da Capoeira a uma cosmovisão Yorubá resulte de uma visão que tem sido chamada de Nagocracia<sup>16</sup>, que implica numa suposição de que toda a cosmologia dos que vieram escravizados para o Brasil se resume à de uma única etnia, a Nagô. Essa visão tem, ao que parece, origem na explosão da Bahia com fonte de inspiração, já discutida.

Voltamos, então, às questões já tratadas acima: uma atividade que nasceu como luta, se desenvolveu como forma de resistência, aceitando africanos e crioulos, livres e escravos,

---

<sup>16</sup> Essa terminologia surgiu entre pessoas ligadas direta ou indiretamente a outras etnias africanas, especialmente as relacionadas ao Candomblé Congo/Angola (Bantu), que pretendem resgatar e valorizar sua participação na sociedade brasileira e afrodescendente.

independentemente de sua origem, poderia ser considerada religiosa só porque seus praticantes o eram? E se a resposta for sim, que religiosidade seria essa?

Levando em conta todas as transformações da sociedade brasileira até hoje, da inserção da Capoeira em academias elitizadas e descoladas de qualquer compromisso com africanidades, incluindo o aparecimento de *personal trainers* de Capoeira, que se propõem a ensinar os movimentos, mas dispensam a roda, a música, o jogo e a interação com o outro, da efetiva expansão de sua prática em países sem nenhuma tradição escravocrata e em cuja história a presença de povos africanos nunca foi significativa, parece admissível o surgimento de uma Capoeira cristã e gospel, cuja diferença de todas as outras está, em princípio, nos cantos.

Afinal, as músicas sacras, ao longo dos séculos adotaram diversos estilos e interpretações, desde as orquestras de câmara até bandas de rock. Escravizados nos Estados Unidos construíram a base da música americana sem o uso de tambores e elaborando letras de músicas inspiradas no Antigo Testamento. É daí que surge o nome Gospel.

Entretanto, o que compromete negativamente a Capoeira Gospel, questiona sua prática e incentiva a reação contrária e críticas de outros capoeiristas é o conceito de que os cantos substituídos pelos louvores cristãos são ignorantes, pecaminosos, idólatras por serem ligados ao Candomblé ou por falarem de santos católicos<sup>17</sup>.

Não é uma simples substituição ideológica para cantar algo em que seus praticantes acreditam. Não é a mera substituição de uma espiritualidade por outra. É a crença numa religião superior e melhor do que as outras. Nesse aspecto, a Capoeira Gospel alimenta os preconceitos e a discriminação presentes na maioria das Igrejas pentecostais chamadas de fundamentalistas. De fato, se aproveita daquilo que, na cultura dos afrodescendentes, encanta e seduz e descarta o que não se conforma a seus padrões de fé considerada certa, eleita e correta.

Repete o discurso de pastores e assembleias que, ao invés de integrar, desintegra. Ao ser considerada uma forma de Evangelização e, conseqüentemente de conversão, e ao ser vinculada a uma denominação religiosa específica, a Capoeira Gospel rompe com a principal característica que hoje serve de plataforma para que mestres e educadores a apresentem como instrumento de inclusão social: a indiscriminada aceitação de quem dela se aproxima.

Em outras palavras, a versão Gospel desconstrói o aspecto ecumênico e conciliador da Capoeira que, com o tempo, se transformou nas propostas pedagógicas e lúdicas de vários mestres. Constrói-se, como alternativa, um outro sistema de prática esportiva que, embora

---

<sup>17</sup> Em sua dissertação de mestrado Diolino BRITO traz alguns depoimentos que confirmam esse entendimento.

adote o mesmo nome, é só uma desculpa para praticar uma atividade proibida pelos padrões evangélicos, mas que encanta e atrai.

Conseqüentemente, se põe num impasse de identidade e, segundo a pesquisa de Diolino Pereira de BRITO (2007), encontra resistência e críticas tanto de capoeiristas, quanto das próprias Igrejas Evangélicas. KEIN e SILVA ressaltam esses aspectos que definem a Capoeira e que são o que de fato nela encantam:

Esses aspectos destacados como elementos referenciais de uma ontologia social estão presentes no contexto da capoeira em suas manifestações, com ênfase na formação da roda, nos movimentos e na construção dos cânticos e dos ritmos que a caracterizam, como dança e como jogo. A ontologia social da Capoeira se contrapõe a todas as formas competitivas, na medida em que a competição se constitui como foco de imposição de um sobre o outro e pelo fato da competição gerar sempre um ganhador e outro perdedor/derrotado. (KEIN, SILVA, 2012, p. 120)

No que diz respeito à ontologia social da Capoeira, os autores podem estar entendendo que ela não foi criada para que os escravizados lutassem entre si, e sim contra quem os oprimia ou a eles se opunha. Não era uma busca de vitória competitiva e sim de libertação. Nesse aspecto, ainda hoje, o treinamento é para que todos melhorem sua prática e não para que um fique melhor que os outros e saia vencedor. A queda sempre ensina a cair.

Embora, como já foi dito no início, não haja muita documentação para embasar pesquisas, é razoável supor que o espírito competitivo tenha aparecido quando a Capoeira foi entendida e incentivada como esporte. A Capoeira aproxima pessoas, brinca e instrui, porque resgata a história. Ao criar tantas divisões, a Capoeira Gospel se transforma em mais uma forma de proselitismo religioso e contradiz a finalidade e a lógica pedagógica e social da Capoeira praticada hoje, que procura atender a pessoas de todos os gêneros, classes, idades e crenças, promovendo uma atividade esportiva e lúdica que socializa e diverte.

Em outras palavras, faz da religião um instrumento de segregação, ao invés de utilizá-la como forma de entender e de se relacionar com o mundo e que tão significativa entre os povos que criaram a Capoeira.

### **Referências bibliográficas**

ABREU, Frede. *O barracão do mestre Waldemar*, Salvador. Zarabatana Ltda, 2003.

BRITO, Diolino Pereira de. *A capoeira de braços para o ar – Um estudo da capoeira gospel no ABC paulista*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista, 2007.

FARIAS, Juliana Barreto et. al. *Cidades Negras – Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil do século XIX*. São Paulo, Alameda, 2006.

ESTEVES, Acassio. *A “Capoeira” da Indústria do Entretenimento – Corpo, acrobacia e espetáculo para turista ver*. Salvador, Bureau Editora, 2004.

KEIN, Ernesto Jacob, SILVA, Carlos José. *Capoeira e educação pós-colonial – Ancestralidade, cosmovisão e pedagogia freiriana*. Jundiaí, Paco Editorial, 2012.

MACHADO Filho, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. São Paulo, Editora da USP, 1985.

SWEET, James H. *Recriar África – Cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2007.

SOARES, Carlos Eugênio Libano Soares. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, Editora Unicamp, 2008.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TAVARES, Carlos V. (Mestre Lucas). *O corpo que ginga, joga e luta – A corporeidade na capoeira*. Salvador, Edição do Autor, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 2012.